



BÁRBAROS OU HELENOS? ESTEREÓTIPOS DE SAMNITAS NA LITERATURA GRECO-ROMANA

Rafael Scopacasa¹

Resumo: Grupos étnicos, tanto no mundo antigo como no atual, não são entidades fixas e claramente definidas, mas agrupamentos fluidos, unidos por ideias de origem comum e semelhanças culturais percebidas. Que este era o caso dos povos itálicos é evidente a partir dos relatos antigos. Este artigo discutirá alguns aspectos da representação dos samnitas nos textos greco-romanos, atentando especialmente à construção de estereótipos culturais sobre esse povo itálico e propondo uma análise preliminar dos mesmos, em vista dos contextos históricos em que eles foram produzidos.

Palavras-chaves: Roma; historiografia; povos itálicos; identidade; etnicidade

INTRODUÇÃO

No final do século I a.C., quando Roma já tinha alcançado a supremacia no Mediterrâneo, historiadores olharam para trás e contaram a história de como a cidade havia começado a sua ascensão espetacular. Naturalmente, esses relatos concentram-se na interação entre Roma e seus vizinhos itálicos, aos quais são atribuídos alguns papéis fundamentais. Os sabinos, por exemplo, estavam ligados às próprias origens de Roma, enquanto os marsos, pelignos, marrucinos e vestinos aparecem como alguns dos mais persistentes inimigos da república romana. No entanto, são os samnitas que atraem a maior atenção no quesito rivalidade/ inimizade com Roma.

Os autores antigos descrevem os samnitas como um *ethnos* que possuía origens em comum e uma cultura compartilhada, incluindo língua (VARRÃO, *De lingua latina*, 21; AULUS GELLIUS, *Noctes Atticae*, 11.1.5; APIANO, *Samnitika*, 4.1), religião (LÍVIO, *Ab urbe condita*, 10.38.6; PLÍNIO, *História Natural*, 2.95.208), o hábito de viver em aldeias em vez de cidades (LÍVIO, *Ab urbe condita*, 9.13.6-8; ESTRABÃO,

¹ Doutor em História Antiga pela University of Exeter; Professor Adjunto de História Antiga na Universidade Federal de Minas Gerais. Email: rafaelsco@hotmail.com.



Geografia, 5.4.11), e outros costumes (por exemplo, leis de matrimônio: ESTRABÃO, **Geografia**, 5.4.12). Os samnitas tendem a ser representados como incultos e rudes; há também muitas referências ao seu caráter belicoso, especialmente no que diz respeito a Roma. O historiador romano Tito Lívio (59 a.C. - 14 d.C.) nos fornece a narrativa mais completa das guerras entre Roma e os samnitas, que provavelmente ocorreram entre 343 e 290 a.C.. Após serem finalmente derrotados, os samnitas aceitaram a aliança romana, como vários outros itálicos; contudo, até os autores mais pró-romanos enfatizam que a vitória romana foi muito difícil, e não garantiu a submissão dos derrotados: na segunda Guerra Púnica (218-202 a.C.), muitos samnitas (junto com vários outros povos itálicos) abandonaram a sua aliança com Roma em prol dos Cartagineses após a derrota romana na batalha de Cannae em 216 a.C. (LÍVIO, **Ab urbe condita**, 22.61). Um pouco mais de um século depois, re-encontramos os samnitas entre os itálicos que se rebelaram contra Roma na Guerra dos Sócios (91-87 a.C.), o último grande conflito entre Roma e seus aliados itálicos.

Grupos étnicos e suas fronteiras, tanto no mundo antigo como no atual, não são entidades fixas e claramente definidas, mas agrupamentos fluidos, unidos por ideias cambiantes de origens em comum e semelhanças culturais percebidas (BARTH, 1969). Que este era o caso dos povos itálicos é evidente a partir dos relatos antigos (SCOPACASA, 2015). Este artigo discutirá alguns aspectos da representação dos samnitas nos textos greco-romanos, atentando especialmente à construção de estereótipos culturais sobre esse povo itálico, e propondo uma análise preliminar desses estereótipos, em vista dos contextos históricos em que eles foram produzidos. Ao invés de ser coesa e imutável, a categoria étnica “samnita” tem um grau considerável de maleabilidade nos textos greco-romanos.

LOCALIZANDO OS SAMNITAS: FRONTEIRAS ÉTNICAS MOVEDIÇAS

As mais antigas referências aos samnitas que conhecemos aparecem em autores gregos do século IV a.C.. Filisto, um cronista ao serviço de Dionísio I, tirano de Siracusa, refere-se a um povo que ele chama de “Saunitai” habitando a costa sul do mar Adriático, no extremo sudeste da península itálica (TAGLIAMONTE, 1996, p. 3-4 discute a possível localização das duas cidades samnitas que Filisto menciona, Mustia e Tyrseta). Um pouco depois de Filisto, pseudo-Scylax também situa os “Saunitai” no litoral adriático da Itália, e acrescenta que o território deles se estendia até o outro lado da península no litoral tirrênico, fazendo divisa ao sul com os “Kampanoi”



(campanos) e os “Leukanoi” (lucanos: PSEUDO-SCYLAX, *Périplo*, 11.15; TAGLIAMONTE, 1996, p. 4). A grande amplitude geográfica do termo “Saunitai” em Filisto e Pseudo-Scylax provavelmente reflete uma falta de conhecimento por parte dos gregos daquela época, que apenas começavam a se interessar pelo interior montanhoso da Itália (MUSTI, 1984; TAGLIAMONTE, 1996, p. 6). É compreensível que autores gregos do século IV a.C. adotassem uma visão altamente generalizada de populações itálicas, sobre as quais eles estavam apenas começando a aprender.

Enquanto os gregos do século IV a.C. viam apenas uma população vasta e homogênea de “Saunitai”, autores mais tardios do século II a.C. já identificavam um complexo mosaico de diferentes povos ou *ethne*, cada um com seu próprio nome e território. Políbio, que escreveu por volta de 150 a.C., inicia essa nova tendência, ao se referir aos “Saunitai” como um entre vários outros povos (*ethne*) da Itália central, como os sabinos, umbros, équos, marrucinos, marsos, pelignos, vestinos e picentes (POLÍBIO, *Histórias*, 2.24). Em certo sentido, essa mudança para uma representação mais específica e detalhada provavelmente reflete uma compreensão mais completa de grupos e fronteiras étnicas, o que provavelmente resultou da conquista romana. No intervalo entre as referências genéricas aos “Saunitai” do século IV a.C. e a época de Políbio, praticamente toda a Itália fora conquistada ou subjugada por Roma. Uma característica fundamental da política externa romana durante esse período era tratar individualmente com os povos derrotados em guerra, de modo a minimizar o risco de resistência conjunta entre eles. Para obter o sucesso que teve, Roma deve ter precisado adquirir um conhecimento detalhado sobre agrupamentos e fronteiras locais; é plausível que esse conhecimento mais minucioso esteja refletido nos textos de Políbio e autores contemporâneos (SALMON, 1967, p. 42-9; TAGLIAMONTE, 1996, p. 5-6).

ESTEREÓTIPOS CULTURAIS

Quando os autores greco-romanos escrevem sobre os samnitas, eles geralmente se referem a uma identidade maleável, cujo alcance geográfico varia bastante durante os últimos quatro séculos a.C.. Isso fica claro a partir do exame dos termos “Saunitai”/“Samnites” e como seu significado varia no tempo (ver acima). Assim como a definição de quem era (e não era) um samnita mudou ao longo dos séculos, também mudavam as noções sobre a identidade samnita e suas características socioculturais. Conforme mencionado acima, as primeiras referências aos “Saunitai”, nas fontes gregas do século IV a.C., são muito curtas e fragmentárias. É somente da república tardia (séc. I a.C.)



em diante que começamos a ter descrições mais detalhadas dos samnitas em termos de sua identidade cultural. Essas descrições estão inseridas em relatos históricos retrospectivos sobre o passado de Roma e o início de sua expansão. Os samnitas nunca são o foco principal desses relatos, mas apenas coadjuvantes.

DE BÁRBAROS AMEAÇADORES A VALOROSOS ALIADOS

Assim como os outros rivais itálicos de Roma, os samnitas são retratados nas fontes romanas como bárbaros, especialmente nas narrativas das guerras romano-samnitas do século IV a.C.. Isso é compreensível, já que foi rebaixando seus vizinhos itálicos que Roma conseguiu se projetar como politicamente e culturalmente mais desenvolvida. Um estereótipo que atraiu muita atenção entre os estudiosos é a caracterização dos samnitas como *montani atque agrestes* no texto de Tito Lívio – isto é, como rude povo da montanha que conseguia seu sustento saqueando vizinhos mais ricos que viviam nas cidades das planícies férteis:

O outro exército, sob o cônsul Papirius, marchando ao longo da costa até Arpi, havia encontrado tudo pacífico, mais devido aos erros cometidos pelos samnitas e ao ódio que engendraram, do que devido a qualquer favor demonstrado pelo povo romano. Pois os samnitas, que naqueles dias, moravam em aldeias entre as montanhas, costumavam saquear as regiões da planície e da costa, desprezando seus cultivadores, que eram de um caráter mais suave e que, como acontece com frequência, assemelhavam-se à sua própria terra, enquanto que eles próprios eram rudes montanheses (*montani atque agrestes*). Se este distrito tivesse sido fiel aos samnites, seria impossível que um exército romano chegasse até Arpi, ou a natureza totalmente estéril do país interveniente os teria destruído, cortando os seus suprimentos. (LÍVIO, *Ab urbe condita*, 9.13.6-8)

O trecho acima, em que Lívio retrata os samnitas como rudes montanheses, refere-se a um episódio na segunda guerra samnita, no final do século IV a.C., quando o exército romano marchou pela costa adriática. Ao aproximarem-se da rica cidade de Arpi, na Apúlia, as tropas romanas foram bem recebidas, por conta da proteção que elas ofereceriam contra ataques samnitas. No trecho em questão, Lívio estabelece um contraste básico entre samnitas montanheses e ferozes, claramente alheios ao estilo de vida da *polis*, e os habitantes urbanizados, suavizados e vulneráveis de Arpi. Um contraste semelhante está presente no relato de Lívio sobre o início dos conflitos



romano-samnitas: por volta de 343 a.C., Roma interveio para proteger Cápua (mais uma rica cidade de planície) de uma iminente invasão de samnitas que desciam as montanhas. Lívio ressalta que os capuanos haviam sido suavizados por décadas de conforto e opulência, e, portanto, não eram páreo nenhum para os samnitas, um povo “endurecido pelo uso de armas” (*duratis usu armorum*: LÍVIO, **Ab urbe condita**, 7.29.1-7; ver HALL, 1989 sobre a associação profundamente arraigada entre luxo, fraqueza física, e imoralidade na literatura clássica).

A imagem dos samnitas como rudes e agressivos é um produto do determinismo geográfico antigo. O ambiente montanhoso da Itália central, percebido como remoto e áspero, era considerado a causa do caráter grosseiro e severo de seus habitantes, já que este ambiente supostamente oferecia poucas oportunidades para o estilo de vida urbano mais civilizado que estava associado à cidade-Estado clássica. De fato, as comunidades samnitas não estavam organizadas de acordo com o paradigma da polis clássica; ao contrário, elas eram caracterizadas por formas alternativas de organização sócio-política, baseadas em um padrão de assentamento que pode ser considerado menos urbanizado (LÍVIO, **Ab urbe condita**, 9.13.6-8; SILIUS ITALICUS, **Punica**, 8.562-572; VALERIUS MAXIMUS, **Dicta et facta memorabilia**, 4.3.6). Para um observador romano acostumado à paisagem fortemente urbanizada do Lácio, o Samnium (região montanhosa associada aos samnitas) poderia ter causado um certo estranhamento, proporcionando a base para estereótipos negativos de atraso sociocultural discutidos acima.

Esse determinismo geográfico de rudeza extrema incluía outros povos itálicos, além dos samnitas, que também eram conhecidos por seu modo de vida supostamente primitivo e inculdo. Alguns, como os marsos, estavam até associados a habilidades sobrenaturais ligadas ao encantamento de serpentes, bruxaria, e cura mágica de mordidas de cobras (SILIUS ITALICUS, **Punica**, 8.495; VIRGÍLIO, **Eneida**, 7.750-60; PLÍNIO, **História Natural**, 28.30; AULUS GELLIUS, **Noctes Atticae**, 16.11.1-2). Mas a dureza do ambiente montanhês nem sempre era vista negativamente: isso fica claro no caso dos sabinos, que desde muito cedo eram retratados positivamente na literatura romana como camponeses-guerreiros resistentes, cujo estilo de vida austero era livre do vício e da corrupção (ver abaixo).

A imagem de samnitas agressivos e violentos estava estreitamente ligada ao estereótipo de sua natureza bélica. Os samnitas são frequentemente representados como responsáveis por iniciar guerras, geralmente porque ignoram tratados e assediam vizinhos mais fracos, que invariavelmente pedem ajuda a Roma (por exemplo: LÍVIO, **Ab urbe condita**, 7.29, 7.31.7-



12, 8.22.7-10, 8.23.1-10, 8.25.5-8.26.6, 8.36.11-8.37.2, 8.37.3-6, 9.14. 8-16, 9.21.1-6, 10.11.11-10.12.3, 10.31.1-7, 10.39.11-17, 22.61, 31.7; ver também DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, 15.5, 17-18.1-3). De certa forma, ao enfatizar a força e obstinação dos samnitas, os romanos terão buscado ressaltar o valor de sua própria vitória sobre esses inimigos tão formidáveis. Em casos mais extremos, a tendência guerreira dos samnitas é retratada como brutalidade excessiva que beira a selvageria. Um exemplo particularmente vívido é o relato de Lívio sobre a formação da chamada “legião de linho” (*legio lintheata*) em 293 a.C., quando os samnitas teriam supostamente feito uma tentativa desesperada de vitória. O episódio envolve a formação de uma legião de soldados de elite que juram lutar até a morte, invocando uma maldição sobre si mesmos se eles se acovardassem e fugissem do campo de batalha (LÍVIO, *Ab urbe condita*, 10.38). Referências ao linho permeiam todo o episódio: o sacerdote samnita que conduz a cerimônia lê as instruções em um livro de linho, enquanto os soldados de elite que participam da cerimônia vestem túnicas de linho e se encontram sob uma tenda de linho. Ao relatar o episódio, Lívio observa que os soldados que se recusaram a prestar o juramento foram imediatamente decapitados, seus corpos jazendo ao lado dos animais sacrificados, seu sangue se misturando com o dos animais. A narrativa de Lívio se destaca por transmitir uma imagem de selvageria autodestrutiva com tons macabros (SALMON, 1967, p. 185-86; TAGLIAMONTE, 1996, p. 132).

Por outro lado, idéias romanas sobre a barbárie samnita não se limitavam ao estereótipo dos violentos bandidos de montanha. Existia uma tradição paralela que retratava os samnitas como possuindo muita riqueza, que eles usavam para tentar subornar generais romanos e intimidar seus inimigos, vestindo armaduras resplendentes de ouro e prata no campo de batalha (DENCH, 1995, p. 98-103). Embora tais imagens possam refletir as realidades da riqueza material e da armadura dos samnitas no contexto das grandes guerras com Roma (343-290 a.C.), elas também enquadram os samnitas claramente no estereótipo do bárbaro opulento. A associação entre barbárie e riqueza excessiva remonta à literatura grega do século V a.C. sobre povos orientais como os medos e os persas, cuja opulência é intimamente associada a características como arrogância (*hubris*), voluptuosidade (*tryphē*) e decadência moral e física em geral (ver, por exemplo, HALL, 1989, sobre como a barbárie dos persas é representada em termos de riqueza excessiva e decadência moral nas tragédias gregas do período clássico).

Na literatura romana, a arrogância e luxuosidade dos samnitas são contrastadas com a disciplina e austeridade dos romanos; um bom exemplo é o



relato de Lívio sobre uma batalha decisiva no final da segunda guerra samnita: ao chegarem no campo de batalha, os samnitas exibem suas armaduras de ouro e prata resplendente, enfeitados com plumas e túnicas de cores vivas; do outro lado, os romanos vêem tal comportamento como uma fraca tentativa de intimidá-los antes da batalha começar (LÍVIO, **Ab urbe condita**, 9.40.1-14). Cenas como esta lançam uma luz completamente diferente sobre o lugar-comum dos samnitas guerreiros, uma vez que, aqui, os samnitas tentam desencorajar seus oponentes exibindo sua armadura resplandecente de longe, ao invés de se envolver na batalha corpo a corpo – um estratagema que Lívio retrata como estando condenado ao fracasso, por causa de a confiança inquebrável dos romanos em sua própria superioridade militar.

Encontramos um aspecto diferente (embora relacionado) da barbárie opulenta dos samnitas em narrativas nas quais eles tentam subornar importantes generais romanos (CÍCERO, **Sobre a velhice**, 55-6; **República**, 3.40; VALERIUS MAXIMUS, **Dicta et facta memorabilia**, 4.3.5-6; PLÍNIO, **História Natural**, 19.86-7; PLUTARCO, **Vida de Catão**, 2.1-2). Em particular, Cícero relata uma história envolvendo o general romano Manius Curius Dentatus, responsável por vitórias importantes sobre os samnitas no início do século III a.C.. A história se passa depois que Manius derrotou os samnitas e se retirou para uma vida frugal em sua casa de campo na terra dos sabinos; lá ele é abordado por embaixadores samnitas que tentam suborná-lo com ouro, prata e escravos (CÍCERO, **Sobre a velhice**, 55-6; algumas versões enfatizam a austeridade de Dentatus, mostrando-o no ato de assar nabos e comê-los com uma simples tigela de madeira). Dentatus recusa firmemente o suborno, afirmando que preferia governar os ricos do que ser rico ele mesmo:

Quando os samnitas lhe trouxeram uma grande quantia de ouro enquanto ele se sentava diante do fogo, ele recusou seu presente com desprezo; 'Pois', disse ele, 'parece-me que a glória não está em ter o ouro, mas em governar aqueles que o têm'. Pense-se que uma alma tão poderosa não poderia tornar a velhice feliz? (CÍCERO, **Sobre a velhice**, 56)

O episódio é retratado como uma vitória da austeridade e virtude romanas sobre o luxo e corrupção samnitas, de modo a ecoar a imagem acima mencionada de samnitas esplendidamente vestidos para batalha, mas derrotados por soldados romanos valentes e austeros, que confiam na sua força e disciplina e não na sua aparência ou indumentária.

As representações dos samnitas como barbáros, que encontramos em Lívio e outros autores romanos do período republicano tardio (séc. I a.C.),



provavelmente se originaram muito antes, no século IV a.C., quando pela primeira vez se tornou necessário que Roma se retratasse como culturalmente mais desenvolvida do que seus vizinhos itálicos, e como estando mais próxima dos ideais helenísticos de grecidade em oposição à barbárie. No momento da sua primeira guerra com Cartago em 264 a.C., Roma já havia atraído a atenção das grandes potências do mundo helenístico, como a Macedônia, o Egito ptolemaico, o império selêucida, e as próprias poleis gregas. A “História de Roma” de Fabius Pictor, a mais antiga obra de historiografia romana que conhecemos, era claramente destinada a um público grego dado que foi escrita em grego; o próprio Pictor liderou uma delegação romana ao santuário de Delfos durante a segunda guerra púnica, provavelmente para obter apoio do mundo grego na luta romana contra Cartago (DENCH, 1995, p. 45, 70; sobre Fabius Pictor, Delfos e a Grécia, ver GRUEN, 1984, p. 253-54).

Evidentemente, Roma estava preocupada em se apresentar favoravelmente diante do mundo grego no início do século III a.C.: logicamente, isso significava representar seus rivais itálicos de maneira desfavorável. Tal fenômeno torna-se mais claro quando o caso dos samnitas é comparado com o dos latinos, que também são frequentemente acusados de barbárie na literatura romana, apesar dos seus fortes laços culturais com Roma. A cidade latina de Praeneste, por exemplo, é objeto de escárnio particularmente severo: nas comédias de Plauto, o latim prenestino é retratado como inferior e risível comparado ao latim romano (DENCH, 1995, p. 73-77). Curiosamente, na época de Plauto (século II a.C.), a cidade de Praeneste era um centro culturalmente renomado: seu famoso santuário de Fortuna atraía visitantes de várias partes do Mediterrâneo. Era precisamente por causa do excelente prestígio de Praeneste que Roma estava ansiosa para representar a cidade como ridiculamente bárbara.

No entanto, seria inexacto acreditar que as representações romanas dos samnitas eram sempre negativas. Embora a imagem da barbárie samnita seja saliente nas fontes, havia um importante contraponto a essa ideia: às vezes, os atributos agressivos dos samnitas assumiam qualidades positivas de valor, força e confiabilidade. Curiosamente, tais imagens mais positivas são encontradas em narrativas sobre o período após as guerras romano-samnitas, quando a maioria ou todas as comunidades samnitas se tornaram aliadas de Roma. Já foi mencionada acima a referência de Políbio aos contingentes samnitas que estavam à disposição de Roma em 225 a.C., quando uma horda gaulesa invadiu a Itália. Naquela ocasião, as tropas aliadas samnitas foram superadas apenas pelas tropas dos latinos (POLÍBIO, *Histórias*, 2.24.). Políbio também descreve o Samnium antes da segunda guerra púnica (218-202 a.C.) como



uma região pacífica e próspera, abrigando comunidades ricas que não haviam vivenciado a guerra desde muito tempo. Tais imagens sugerem que, após a conturbação das guerras do século IV a.C., os samnitas experienciaram uma recuperação significativa, no contexto de sua nova aliança com Roma (POLÍBIO, **Histórias**, 3.90.7-8.). O texto de Lívio também sugere uma melhora nas relações entre Roma e os samnitas após 290 a.C.: ele afirma que, durante a segunda guerra púnica, os samnitas foram responsáveis por obter uma vitória importante sobre os cartagineses na batalha de Gereonium (217 a.C.), graças ao general samnita Numerius Decimius (LÍVIO, **Ab urbe condita**, 22.24.). Certamente, não é insignificante que Lívio atribui aos samnitas uma vitória romana em uma guerra que provou ser uma das mais decisivas em toda a história de Roma. Tais ações parecem ter levado os romanos da época a tratar os samnitas como aliados especialmente confiáveis: evidência disso é o fato de que soldados samnitas foram escolhidos para escoltar os enviados cartagineses que haviam sido capturados ao transportar uma carta de Asdrubal a Aníbal em 208 a.C. (LÍVIO, **Ab urbe condita**, 27.43.5). A assistência militar samnita permaneceu significativa em conflitos importantes após a derrota de Aníbal em 202 – como fica evidente no relato de Lívio sobre o papel crucial da cavalaria samnita nas guerras de Roma com Macedônia, no início do século II a.C. (LÍVIO, **Ab urbe condita**, 44.40). Relatos como estes sugerem que os samnitas estavam vindo a ser considerados positivamente como aliados valiosos.

Podê ter sido neste contexto de cooperação com Roma que se desenvolveram as histórias sobre a origem sabina dos samnitas. Os sabinos são freqüentemente representados como ancestrais dos samnitas nas fontes greco-romanas: segundo essas narrativas, os sabinos, em meio a guerras e dificuldades, obrigam uma geração inteira de jovens a partir em busca de um novo lar; esses jovens sabinos desenraizados vão para uma outra terra e lá tornam-se os fundadores do *ethnos* samnita (ver, por exemplo, ESTRABÃO, **Geografia**, 5.4.11-12). Conforme mencionado acima, desde muito cedo os sabinos ocupavam um lugar especial no imaginário romano: eles estavam associados à própria origem de Roma, através de figuras como as donzelas sabinas raptadas por Rômulo, e os “reis sabinos” de Roma, Numa e Titus Tatius. Há indícios de que no século III a.C. (período que nos interessa especialmente no presente artigo) os sabinos já eram altamente valorizados no imaginário romano como um povo virtuoso. Farney, em particular, identifica a existência de famílias aristocráticas em Roma que ativamente construíam uma identidade sabina para si próprias, através de instrumentos de propaganda como moedas (FARNEY, 2007, p. 80-88). O fato de comunidades sabinas estarem entre as



primeiras a receberem a cidadania romana (também no século III a.C.) foi com certeza importante para a que os sabinos fossem vistos positivamente no imaginário romano (ver BRUNTI, 1969, sobre a concessão de cidadania romana aos sabinos). As narrativas sobre o envolvimento dos sabinos nos primórdios de Roma (acima) podem ser vistas como um produto da integração entre Roma e os sabinos no século III a.C. (FARNEY, 2007, p. 97-101). Tais histórias davam aos sabinos uma posição privilegiada na literatura romana, identificando-os com ideais de austeridade, piedade e bravura, tão caros à aristocracia romana republicana, visto que eram considerados emblemáticos do passado virtuoso de Roma (DENCH, 1995, p. 67; FARNEY, 2007, p. 97-112 propõe que Catão o Velho, ele próprio um sabino, estava diretamente envolvido na criação do estereótipo da virtude sabina, através do qual ele buscou promover-se em Roma).

Em vista desses fatores, é plausível que a imagem dos samnitas como descendentes dos sabinos tenha contribuído para uma aproximação entre samnitas e Roma. Certamente, nem todos os samnitas teriam desejado enfatizar seus elos com os sabinos (e, conseqüentemente, com Roma) dessa maneira – especialmente considerando como muitos samnitas prontamente abandonaram a sua aliança com Roma após a vitória cartaginesa em Cannae em 216 a.C., durante a segunda guerra púnica. No entanto, parece plausível que algumas famílias samnitas estivessem interessadas em explorar a sua associação com Roma, possivelmente através de mitos de origem que as vinculavam aos sabinos. Se esse foi o caso, tais esforços terão tido que atentar às histórias que aproximavam Roma dos sabinos e sua grande virtude. É bem possível que samnitas desejosos de apresentar-se como estando mais próximos dessa virtude sabina tivessem que lidar com sérios obstáculos e vencer estereótipos negativos: afinal, é importante lembrar que Manius Curius Dentatus recusou a vil tentativa de suborno samnita quando ele encontrava-se assando nabos em sua chácara *sabina*.

A atmosfera de cooperação entre Roma e samnitas, nos séculos III e II a.C., pode ter atenuado alguns dos sentimentos anti-samnitas que haviam florescido anteriormente, no contexto das guerras romano-samnitas (343-290 a.C.). A falta de referências a virtudes samnitas nas fontes pode ser devida à perda de uma grande porção da narrativa de Lívio justamente sobre o século III a.C., quando a aliança romano-samnita teria culminado. Parece provável que foi somente na época da Guerra dos Sócios (91-87 a.C.) que graves ansiedades romanas sobre os samnitas foram reavivadas: isso explicaria o predomínio de imagens negativas dos samnitas em Lívio e outros autores romanos que viveram durante as décadas após a Guerra dos Sócios. Mas esta

situação posterior não deve ser projetada nos séculos III e II a.C., quando as relações com os samnitas eram provavelmente mais estáveis.



CRENCIAIS HELÊNICAS

Quando nos concentramos nas fontes gregas sobre os samnitas, fica claro que imagens positivas de suas “credenciais helênicas” eram tão antigas quanto as imagens de sua barbárie. Já no século IV a.C., os samnitas pareciam ter uma reputação favorável no mundo grego, sobretudo nas cidades da Magna Grécia como Taranto e Nápoles. O mais antigo sinal dessa reputação positiva é a dita “ficção tarentina”, que provavelmente data do final do século IV a.C.. Estrabão, que nos transmite essa história, observa que os tarentinos haviam tentado ganhar o favor de seus vizinhos (*hómoroi*) itálicos, alegando que todos eles compartilhavam origens espartanas. A história, segundo Estrabão, era de que uma colônia de Pitanates (um conjunto de tropas no exército espartano) se instalara entre os samnitas, assim tornando-os parentes dos tarentinos, eles próprios colonos espartanos:

Alguns dizem, além disso, que uma colônia de espartanos se juntou aos samnitas, e que, por essa razão, os samnitas se tornaram filelênos, e alguns deles foram chamados de pitانات. Mas pensa-se que os tarentinos simplesmente inventaram essa história, para lisonjear e conquistar a amizade de homens muito poderosos nas suas fronteiras; porque, em um dado momento, os samnitas costumavam mandar um exército de até oitenta mil de infantaria e oito mil de cavalaria (ESTRABÃO, **Geografia**, 5.4.12).

No final do século IV a.C., quando essa narrativa provavelmente surgiu, uma associação com Esparta teria carregado conotações positivas de disciplina, austeridade e bravura, dado que naquela época circulava pelo Mediterrâneo uma imagem altamente idealizada dos espartanos (TIGERSTEDT, 1965; DENCH, 1995, p. 57). Aqui, temos o estereótipo de rudeza e violência samnitas (presentes em Lívio) transformados em virtude guerreira e parcimônia lacônica. Provavelmente, os tarentinos do final do século IV a.C. estavam preocupados com o avanço militar de Roma; nesse contexto, faria sentido que eles buscassem aliar-se aos rivais samnitas de Roma, elaborando narrativas míticas de origens em comum, como estratégia de aproximação política (LA REGINA, 1984; TAGLIAMONTE, 1996, p. 134). Tal é a interpretação do próprio Estrabão, que via a atribuição de origens espartanas aos samnitas como uma estratégia através da qual os tarentinos procuraram ganhar a amizade

dos samnitas, no momento em que muitas cidades da Magna Grécia estavam ficando seriamente preocupadas com a crescente ameaça romana.



Por outro lado, é provável que os próprios samnitas tenham contribuído ativamente na criação de narrativas sobre suas origens espartanas: parecemos estar diante de uma convergência dos interesses entre samnitas e tarentinos, pois ambos os grupos estariam motivados a construir uma relação mutuamente benéfica no final do século IV a.C.. Os samnitas provavelmente estavam cientes de seu apelo às comunidades gregas nesse período, ativamente explorando sua boa reputação às custas de Roma. Tal possibilidade é sugerida também no relato de Dionísio de Halicarnasso sobre um episódio central nas guerras romano-samnitas, conhecido como o Debate Napolitano de 327 a.C.. Na ocasião, os napolitanos estavam debatendo se deveriam aliar-se aos romanos ou aos samnitas. De acordo com Dionísio, os samnitas conseguiram convencer a elite napolitana de que eles seriam melhores aliados do que os romanos. Como argumento, os samnitas prometem devolver aos napolitanos toda a terra que havia sido tomada deles nas últimas décadas, e restaurar a cidade de Cumae aos gregos (DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, 15.5-8; FREDERIKSEN, 1984, p. 201; DENCH, 1995, p. 54). Pareceria, portanto, que naquela ocasião os samnitas tiveram mais sucesso do que os romanos em se apresentar como dignos protetores dos gregos e da grecidade.

Evidentemente, era plausível acreditar que samnitas de destaque tinham relações pessoais com famosos estadistas e filósofos gregos do século IV a.C.. Cícero relata uma história importante sobre um encontro entre Platão e Archytas, o tirano de Taranto, no qual estava também presente um certo Herennius Pontius, pai do general samnita Gaius Pontius que conquistou uma famosa vitória sobre os romanos em 321 a.C. (LÍVIO, *Ab urbe condita*, 9.1-6). A ideia de que aristocratas samnitas frequentavam os altos níveis da elite tarentina no século IV a.C. é coerente com evidências arqueológicas de contato entre o Samnium e a Magna Graecia nesse período (DENCH, 1995, p. 55; SCOPACASA 2015, p. 50). Contudo, independentemente dos detalhes da narrativa de Cícero serem verídicos, o fato de que a história era confiável o suficiente para ser contada é evidência das boas credenciais que os samnitas parecem ter possuído nas cidades gregas do sul da Itália (D'AGOSTINO, 1981). A presença de Archytas sugere que as relações entre samnitas e tarentinos se desenvolveram sob a égide do pitagorismo, que provavelmente funcionou como um canal através do qual os gregos ocidentais interagiram com as comunidades itálicas. A conexão pitagórica poderia explicar por quê Lívio retrata Herennius Pontius como um sábio venerável, que dá conselhos

ponderados ao seu filho Gaius sobre o que fazer com os prisioneiros romanos após a sua vitória (LÍVIO, *Ab urbe condita*, 9.3.4-13).



De resto, algumas breves descrições etnográficas de costumes samnitas também apontam para uma proximidade cultural com o mundo grego. A breve referência de Estrabão aos costumes matrimoniais dos samnitas evocam, mais uma vez, a imagem idealizada de Esparta corrente no Mediterrâneo do século IV a.C. (TIGERSTEDT 1965). Segundo Estrabão, havia uma lei entre os samnitas que proibia os pais de entregar suas filhas em casamento a quem eles desejassem. Em vez disso, os “melhores” rapazes e donzelas eram identificados e entregues em casamento uns aos outros. Se o marido maltratasse sua esposa, ela seria separada dele e receberia um novo marido (ESTRABÃO, *Geografia*, 5.4.12). Um fragmento etnográfico semelhante é encontrado em Ateneu, onde diz-se que os samnitas estavam entre os bárbaros italianos com o hábito de raspar os cabelos, junto com os etruscos e messápios, os quais supostamente ensinaram essa prática aos gregos do sul da Itália (ATENEU, *Deipnosophistai*, 6.273f).

Portanto, temos uma gama de estereótipos positivos associados à identidade samnita aos olhos dos gregos ocidentais – e, possivelmente, até mesmo no mundo helenístico mais amplo. Contudo, isso não quer dizer que os gregos não percebessem os samnitas como bárbaros. Logo nas primeiras linhas das suas *Antiguidades Romanas*, Dionísio de Halicarnasso se maravilhava com o fato de que Roma não havia sido completamente barbarizada mesmo após o influxo de tantos povos itálicos, inclusive os samnitas (DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, 1.89.1-3). Uma afirmação tão categórica revela que a barbárie samnita era um motivo bem conhecido entre os gregos.

CONCLUSÃO: DE SAMNITAS A SABELLI

Foi somente em meados do século I a.C., depois que os samnitas receberam a cidadania romana, que eles efetivamente deixaram de representar uma séria ameaça para Roma. A experiência traumática da Guerra dos Sócios (91-87 a.C.) revivera as ansiedades que o termo “samnita” evocara no imaginário romano durante as grandes guerras do século IV a.C., ansiedades essas que provavelmente diminuíram no contexto de cooperação romano-samnita dos séculos III e II a.C. (ver acima). O problema básico de como transformar os samnitas em cidadãos romanos, e ao mesmo tempo lidar com o seu estereótipo ameaçador, levou àquilo que Emma Dench chamou de “invenção dos *sabelli*”



entre autores romanos no final do século I a.C.. Para Dench, o termo étnico *sabelli* foi inventado especificamente para servir como um novo nome para os samnitas, livrando-os das associações negativas e ameaçadoras que haviam ficado inextricavelmente ligadas ao termo “samnita” na cultura romana. Operou-se, portanto, uma separação entre os samnitas do presente (agora chamados *sabelli*) e os samnitas do passado, que mantiveram o seu nome original, mas somente como personagens das narrativas historiográficas de Lívio e colegas (SCOPACASA, 2007).

O nome *sabelli* é um diminutivo de *sabini* (sabinos): ao inventar esse termo étnico, os romanos do século I a.C. estavam não somente reafirmando o parentesco entre samnitas e sabinos, como também vinculando-os a um povo que desde cedo gozara de alta estima no imaginário romano. Conforme observado acima, os sabinos conseguiram desenvolver um relacionamento especial com Roma desde o século III a.C. no mínimo. Noções romanas sobre a virtude dos sabinos embasavam-se no mesmo tipo de determinismo geográfico que informou as imagens do primitivismo e da aspereza dos samnitas. Assim como os samnitas, os sabinos habitavam o árduo ambiente rochoso e estéril das montanhas apeninas; contudo, no caso dos sabinos, esse ambiente era visto como a causa de características culturais positivas, e não negativas – ou seja, um estilo de vida baseado no trabalho árduo e na frugalidade, longe do excessivo conforto e luxo das cidades prósperas das planícies.

Ao receber a cidadania e integrar-se ao Estado romano, os samnitas foram rapidamente usados como recurso moral por Roma, da mesma forma que os sabinos haviam sido anteriormente, sob o nome novo e menos ameaçador de *sabelli*. Como anteriormente, no caso da “ficção tarentina”, é provável que a transformação dos samnitas em *sabelli* não tenha sido um processo unidirecional, e que os samnitas tenham buscado ativamente melhorar a sua imagem em Roma. Como Farney observa a respeito dos sabinos, seria lógico que membros das elites samnitas estivessem interessados em associar-se tanto quanto possível ao estereótipo antigo e estimado da dignidade sabina, de modo a ganhar apoio eleitoral quando embarcassem em carreiras políticas em Roma (ver FARNEY, 2007, p. 208-9, sobre os sabinos).

A invenção dos *sabelli* no contexto pós-Guerra dos Sócios serviu para transformar os samnitas ameaçadores em aliados dignos de uma vez por todas. Entretanto, estereótipos da barbárie samnita permaneceram claramente importantes no imaginário romano. Histórias sobre a rudeza e brutalidade dos samnitas, ou sobre o seu luxo, corrupção e caráter traiçoeiro, continuaram a ser contadas em obras literárias e historiográficas, desde o período de Augusto até a época da dinastia dos Severos no século III d.C.. É graças a esses textos



que conhecemos o estereótipo da barbárie samnita. Embora o discurso do samnita inculto e hostil tenha se originado nos séculos IV e III a.C., como parte da propaganda romana dirigida ao mundo helenístico (ver acima), a vida continuada desses estereótipos durante os primeiros dois séculos d.C. sugere que eles continuaram servindo um propósito. No contexto da hegemonia romana no período imperial, histórias da barbárie samnita faziam parte de um programa ideológico mais amplo, que visava legitimar a hegemonia global de Roma. O próprio retrato das velhas guerras romano-samnitas como uma grande disputa pela supremacia é muito provavelmente uma invenção de autores romanos tardios. Ao retratar os primeiros grandes inimigos de Roma como adversários assustadores e desregrados, que precisavam ser conquistados, autores como Tito Lívio estavam, de certa forma, fornecendo uma justificativa para a dominação romana.

Abstract: Ethnic groups, both in the ancient world and in the present, are not fixed and clear-cut entities but fluid groupings that are defined by ideas of common origins and perceived cultural similarities. That this was also the case regarding the ancient Italic peoples is clear from the Greco-Roman accounts which have come down to us. This article discusses descriptions of Samnites in Greco-Roman texts. Cultural stereotypes of Samnite vices and virtues will be examined in light of the historical contexts in which they originated.

Keywords: Rome; historiography; italic peoples; identity; ethnicity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Fredrik. **Ethnic groups and boundaries: the social organisation of culture difference.** Londres: Allen and Unwin, 1969.

BRUNT, Peter A. The enfranchisement of the Sabines. In: BIBAUW, J. (org.) **Hommages à M. Renard II.** Bruxelas: Latomus, 1969, p. 121-29.

CARTLEDGE, Paul, SPAWFORTH, Anthony. **Hellenistic and Roman Sparta. A tale of two cities.** Londres: Routledge, 2002.

D'AGOSTINO, Bruno. Voluptas et virtus: il mito politico della ingenuita italica. **Annali dell'Istituto Orientale di Napoli, Archeologia e Storia Antica.** Nápoles, vol. 3, 1981, p. 117-27.

DENCH, Emma. **From Barbarians to New Men. Greek, Roman and Modern Perceptions of the Central Appenines.** Oxford: Clarendon, 1995.

FARNEY, Gary D. **Ethnic identity and aristocratic competition in Republican Rome.** Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FREDERIKSEN, Martin. **Campania.** Londres: The British School at Rome, 1984.

GRUEN, Erich. **The Hellenistic world and the coming of Rome.** Berkeley: University of California Press, 1984.



HALL, Edith. **Inventing the barbarian. Greek self-definition through tragedy.** Oxford: Clarendon, 1989.

LA REGINA, Adriano. Aspetti istituzionali nel mondo sannitico. *In: Sannio: Pentri e Frentani dal VI al I sec. a.C. Atti del Convegno.* Campobasso: Enne, 1984, p. 17-25.

MUSTI, Domenico. La nozione storica di Sanniti nelle fonti greche e romane. *In: Sannio: Pentri e Frentani dal VI al I sec. a.C. Atti del Convegno.* Campobasso: Enne, 1984, p. 71-84.

SALMON, Edward T. **Samnium and the Samnites.** Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

SCOPACASA, Rafael. **Essere sannita: rappresentazioni d'un popolo italico nelle fonti letterarie e storiografiche antiche.** Campobasso: Istituto Regionale per gli Studi Storici del Molise 'V. Cuoco', 2007.

SCOPACASA, Rafael. **Ancient Samnium: settlement, culture and identity between History and Archaeology.** Oxford: Oxford University Press, 2015.

TAGLIAMONTE, Gianluca. **I Sanniti. Caudini, Irpini, Pentri, Carricini, Frentani.** Milano: Longanesi, 1996.

TIGERSTEDT, Eugène N. **The Legend of Sparta in Classical Antiquity.** Estocolmo: Almqvist and Wiksell, 1965.